

contribuição de tamás szmrecsányi à historiografia de empresas*

Victor Pelaez

Professor Adjunto do Departamento de Economia da UFPR

A contribuição do Prof. Tamás à historiografia de empresas revela-se notadamente em três atividades: no âmbito institucional, como fundador da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE); no âmbito editorial, no qual organizou três coletâneas de artigos sobre história de empresas; e no âmbito acadêmico, como autor de cerca de 15 artigos publicados e uma tradução.

Como sócio-fundador e primeiro Presidente da ABPHE, deu continuidade à iniciativa pioneira de Maria Bárbara Levy na organização da primeira Conferência Internacional de História de Empresas, realizada em Niterói, em 1991. Foi nessa Conferência que se iniciou a gestação da ABPHE. Assim, quando da fundação da ABPHE, no I Congresso Brasileiro de História Econômica, em 1993, organizou-se concomitantemente a 2ª Conferência Internacional de História de Empresas, conjunção esta que se tem mantido desde então como prática organizacional desses encontros. As primeiras Conferências Internacionais de História de Empresas puderam contar com as contribuições de importantes pesquisadores estrangeiros para uma área de pesquisa até então incipiente no Brasil¹. Ao mesmo tempo, criou-se um espaço de maior interação acadêmica com pesquisadores latino-americanos nesta

* Agradeço a Maria Alice Ribeiro e a Flávio Saes por me proporcionarem o acesso a vários textos comentados neste artigo.

¹ Pode-se mencionar, dentre outros, Mira Wilkins, Carlos Marichal, Albert Broder, Steven Tolliday, Steven Topik, Mario Cerutti, Pter Ângelo Toninelli, Hubert Kiesewetter, Maria Inés Barbero e Raúl Jacob.

área de pesquisa. Essa interação é em grande parte fruto do empenho do Prof. Tamás no envolvimento desses pesquisadores em um projeto maior de divulgação e incentivo da pesquisa na área de história de empresas e história econômica em geral, no Brasil e na América Latina.

Na sua longa atividade editorial², o Prof. Tamás teve três contribuições específicas na área de história de empresas, ao participar da organização de duas coletâneas de artigos, na forma de livros, e de um número da Revista *Enterprise & Society*. O primeiro livro, organizado juntamente com Ricardo Maranhão, compila 18 dos 22 trabalhos apresentados na 2ª Conferência Internacional de História de Empresas e agrupados em seis eixos temáticos: (i) história de empresas como área de pesquisas; (ii) trajetórias das empresas multinacionais; (iii) empresários e trabalhadores num mundo em transformação; (iv) investimentos italianos na América Latina; (v) estudos de caso de empresas brasileiras e estrangeiras; e (vi) o Estado e as empresas de serviços públicos (SZMRECSÁNYI e MARANHÃO, 1996). No número da revista *Enterprise & Society*, organizado com Steven Topik, foram agrupados quatro artigos de pesquisadores brasileiros e mexicanos, no sentido de contribuir para a divulgação da produção latino-americana na área de história de empresas, sob diferentes abordagens temáticas e metodológicas, envolvendo: aspectos organizacionais; a relação entre o público e o privado; a relação entre governo e mercado; e entre o âmbito local e o global (SZMRECSÁNYI e TOPIK, 2004). Mais recentemente, organizou, com Armando Dalla Costa e Adriana Sbicca Fernandes, outro livro que compila doze comunicações, apresentadas a partir da 3ª Conferência Internacional de História de Empresas, e agrupadas em três eixos temáticos: (i) empresas de serviços públicos; (ii) inovações tecnológicas e concorrência no setor produtivo; e (iii) competitividade empresarial nas indústrias alimentares (DALLA COSTA; FERNANDES e SZMRECSÁNYI, 2008).

No que tange à sua própria atividade de pesquisa, na área de história de empresas, podem-se identificar três eixos temáticos que se interpenetram: (i) o estudo de empresas multinacionais no Brasil; (ii) os grupos da agroindústria canavieira; (iii) e as contribuições teóricas de Edith Penrose.

² Ele foi também o primeiro editor da Revista *História Econômica & História de Empresas*, lançada em 1998, tornando-se um espaço editorial de destaque no campo da história econômica.

Em que pesem as suas especificidades, o estudo da implantação e da atuação das empresas multinacionais no Brasil tinha para o Prof. Tamás um sentido histórico mais amplo. Busca compreender tanto a gênese dos fluxos dos capitais estrangeiros para o Brasil quanto o impacto dos mesmos no desenvolvimento de uma economia agrário-exportadora em transição para uma economia industrializada. Essa preocupação revela-se em dois de seus primeiros artigos sobre o tema em que contextualiza historicamente a criação do Grupo Light no Brasil (SZMRECSÁNYI, 1986a; 1986b). A grande contribuição do primeiro texto "A era dos trustes e dos cartéis" não está na sua originalidade, mas na sua capacidade de apresentar, de forma clara, concisa e didática - o que caracteriza seu estilo - os principais aspectos de transformação do capitalismo concorrencial em capitalismo monopolista, ocorridos entre 1850 e 1914. Nesse processo, a difusão mundial do capitalismo, dirigida pela expansão imperialista de nações industrializadas, acabou criando uma dicotomia entre os chamados países capitalistas centrais e os periféricos. A intervenção direta do Estado, a criação das sociedades anônimas, a combinação de capitais por meio de trustes e cartéis, a constituição de mercados de capitais e a modernização das cidades e dos costumes formaram um quadro de mudanças institucionais que intensificaram a exportação de capitais produtivos para as economias periféricas.

Se, por um lado, esses capitais estrangeiros permitiram a criação de uma infraestrutura produtiva e urbana, associada a um maior bem-estar da população, por outro lado, acarretaram altos níveis de endividamento das economias periféricas. No caso específico do Grupo Light, este foi muito mais do que uma empresa produtora e distribuidora de energia elétrica. Foi, sobretudo, um empreendimento gerador de altos lucros para os seus acionistas e sócios-fundadores, tanto pelo fato de usufruir de uma concessão pública em regime de monopólio quanto por estabelecer estratégias de diversificação. O Grupo usufruiu também de monopólio dos serviços municipais de bondes, além da aquisição e da exploração de um considerável patrimônio imobiliário, obtido a partir da prestação desses serviços (SZMRECSÁNYI, 1986b; SZMRECSÁNYI e SAES, 1992).

O Prof. Tamás considera, no entanto, que a formulação de um juízo de valor sobre as vantagens e as desvantagens da atuação dos investimentos

estrangeiros nas economias periféricas não contribuíam para a compreensão do papel efetivo desses capitais no desenvolvimento de países como o Brasil. Em artigo anterior, em parceria com Flávio Saes, faz uma revisão das principais contribuições teóricas sobre o investimento estrangeiro direto no país, no período 1880-1930 (SAES e SZMRECSÁNYI, 1985). Surgem desse texto duas hipóteses como proposição de aprofundamento de futuras pesquisas:

i) para o caso do Brasil, no período em pauta, os capitais estrangeiros, ao mesmo tempo que contribuíam para a mobilização e o desenvolvimento de suas forças produtivas, representaram também um obstáculo a essa mesma mobilização e desenvolvimento. Isto se deu na medida em que eles foram promovendo a crescente especialização da economia brasileira na produção e na exportação de determinados bens, levando-a a uma vinculação cada vez maior às necessidades e aos interesses dominantes de mercadorias e do mercado mundial de capitais (Ibidem:219).

ii) o caráter predominantemente financeiro assumido pelo capital forâneo no Brasil durante a Primeira República constituiu uma decorrência não apenas de tendências mais gerais da evolução do capitalismo, mas também de peculiaridades da participação do país na divisão internacional do trabalho. Tais peculiaridades estão sobretudo ligadas ao poder da oligarquia cafeeira em manter e mesmo ampliar a sua participação na apropriação do excedente, valendo-se das rivalidades existentes entre as principais economias capitalistas (Ibidem).

Também em parceria com Flávio Saes, realizou um estudo exploratório mais específico sobre o papel financeiro dos bancos estrangeiros no início do processo de industrialização em São Paulo, entre 1880 e 1930. O papel desses bancos, notadamente de origem inglesa, alemã e francesa, limitou-se, em princípio, à concessão de empréstimos para a construção de ferrovias, redes de energia elétrica e transporte urbano. Esses bancos atendiam sobretudo aos interesses dos capitais forâneos, que se estabeleciam nos serviços de infraestrutura. Mas, ao longo das primeiras décadas do século XX, o capital financeiro externo em São Paulo teria diversificado suas atividades no financiamento de atividades industriais emergentes (SAES e SZMRECSÁNYI, 1994)¹.

¹ Mais tarde esse texto foi publicado como: SAES, Flávio A. M.; SZMRECSÁNYI, Tamás J. M. K., "El papel de los bancos extranjeros en la industrialización inicial de São Paulo", *Revista de História da UFPA*, vol. 1, n. 1, p. 1-15, 1994.

Em outro estudo exploratório sobre os investimentos alemães em São Paulo, o Prof. Tamás indicou a importância significativa desses capitais no estado, nas primeiras décadas do século XX. Um número estimado em torno de 35 empresas, antes da Primeira Guerra Mundial, e de 70, antes da Segunda Guerra, revela, segundo ele, mais do que uma importância quantitativa, uma importância estratégica, pois muitas das maiores empresas multinacionais alemãs, nos dias de hoje, já estavam presentes no Brasil antes da década de 1930. Neste contexto, propõe uma hipótese mais provocadora, ao contestar a visão predominante dos historiadores de que a industrialização no Brasil, particularmente em São Paulo, só veio a ocorrer várias décadas após os anos 1930. Sugere que o início da industrialização ocorreu nas últimas décadas do século XIX e que a participação do capital estrangeiro foi muito mais intensa e difusa do que é geralmente assumido (SZMRECSÁNYI, 1992a).

Com Wilson Suzigan, resgatou as origens da industrialização do Brasil, a partir do levantamento dos investimentos estrangeiros diretos mais relevantes, nas três primeiras décadas do século XX. Ao identificar casos específicos de investimentos estrangeiros neste país, os autores procuram, sobretudo, compreender a dinâmica mais geral de acumulação de capital, por meio da sua expansão na periferia do sistema capitalista. As razões dessa expansão são explicadas pela busca de alternativas aos limites de crescimento dos mercados internos de origem dos capitais estrangeiros, bem como o acesso a novas fontes de matérias-primas. Suzigan e Szmrecsányi (1996:263) identificam a partir daí quatro estratégias de expansão específicas:

- i) o processamento de matérias-primas locais com vistas à exportação do produto final (caso das carnes industrializadas);
- ii) a obtenção da primazia no abastecimento dos mercados locais, mediante antecipação à entrada dos concorrentes ou o afastamento dos mesmos da competição interna (algo que ocorreu, por exemplo, em relação aos fósforos e aos pneus);
- iii) a captura do potencial de crescimento do mercado interno, através da substituição parcial e gradativa das importações de produtos industrializados

Paulo", in MARICHAL, Carlos (org.), *Las Inversiones Extranjeras en América Latina, 1850-1930: Nuevos Debates y Problemas en Historia Económica Comparada*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995:230-243.

(maquinas e equipamentos, veículos, material elétrico, produtos químicos, farmacêuticos e de toalete);

iv) o aumento da participação no abastecimento do mercado interno, através da produção local de bens anteriormente importados, baseada na disponibilidade de matérias-primas a baixo custo e na existência de uma demanda interna compatível com a obtenção de certas escalas mínimas de produção (casos do cimento e do aço).

A agroindústria canavieira foi um ramo de atividade no qual o Prof. Tamás trabalhou com mais profundidade, na medida em que foi tema de sua tese de doutorado⁴. Sobre esta indústria, publicou três artigos associados à história de empresas. O primeiro, em 1992, traça uma reconstituição histórica da expansão dessa agroindústria em São Paulo, no período 1870-1930, que coincide com as crises da década de 1870 e de 1929. O texto resgata as estratégias de diversificação de produtores de café para o ramo açucareiro, em função da tendência de saturação do mercado internacional do café e do impacto das crises econômicas nas exportações dessa cultura. Foi também um período marcado pela ação direta do governo de São Paulo no incentivo à agricultura do estado, particularmente com a criação da Secretaria de Agricultura, que apoiou, por sua vez, a criação da Sociedade Paulista de Agricultura, que passou a representar os interesses dos agricultores paulistas. Essas instituições incentivaram vários trabalhos de pesquisa voltados para o aumento da produtividade da cultura e do processamento da cana no estado (SZMRECSÁNYI, 1992b).

Uma das empresas que surgiram nesse período, a *Société de Sucrieries Brésiliennes*, resultado da incorporação de quatro usinas paulistas e uma fluminense, foi objeto de estudo publicado em capítulo de livro, organizado por Mira Wilkins e Harm Shröter (SZMRECSÁNYI, 1998). Este livro foi dedicado a um tipo de empresa multinacional, criada exclusivamente para atuar em outros países sem experiência prévia de produção no país de origem (*free-standing companies*). Em seu capítulo, o Prof. Tamás recuperou a história dos primeiros quinze anos dessa empresa açucareira, fundada em 1907, considerada uma das maiores e mais bem

⁴ Esta resultou na publicação do livro *O Planejamento na Agroindústria Canavieira no Brasil* (SZMRECSÁNYI, 1979).

organizadas do ramo no país. Apesar de identificar que o bom desempenho da empresa estava associado a um período (1907-1922) de expansão da demanda interna e externa, principalmente em função da Primeira Guerra Mundial, privilegia buscar as causas do seu crescimento a partir de fatores endógenos. Sobre esta análise endógena da firma, proposta por Edith Penrose, ele destaca que "One of her assumptions (confirmed by practice) is that all successful expansion tends to be preceded by planning, and that firms do not grow automatically, but rather in response to human decisions." (Ibidem:286). Nessa perspectiva, identifica que a empresa adotou uma gestão eficiente de seus ativos com um reinvestimento constante de suas reservas, principalmente em equipamentos e instalações. Tais ativos fixos não apenas aumentavam a capacidade de produção da empresa, em um período de expansão da demanda, mas também diminuíam seus custos de produção de açúcar e álcool. Foi assim que, até os anos 1940, a empresa se manteve como a primeira produtora de açúcar de São Paulo, chegando a fabricar 28% do açúcar do estado nos anos 1930 (Ibidem:288).

Em artigo publicado em 2002, em parceria com Pedro Ramos, analisou a evolução histórica dos grupos empresariais da agroindústria canavieira paulista, no período do final do século XIX aos anos 1990. As primeiras décadas, do final do século XIX à década de 1930, foram marcadas pelo ressurgimento da agroindústria canavieira em São Paulo, que se associava a: um crescente mercado regional de produtos derivados da cana-de-açúcar; ao apoio do governo estadual no desenvolvimento dessa atividade; e às sucessivas crises do mercado internacional de café. Esta última condição levou a uma estratégia de diversificação de vários produtores de café para a atividade canavieira, os quais detinham grandes reservas de terras e dispunham de mão-de-obra abundante, originária da imigração estrangeira. Tal estratégia acentuou-se com a crise de 1929. A criação do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), no ano de 1933, marcou a atuação direta do governo federal no controle da produção e dos preços do mercado nacional, limitando, sobretudo, a expansão da agroindústria canavieira de São Paulo em benefício da produção nordestina. Com a Segunda Guerra Mundial, o abastecimento de São Paulo com açúcar nordestino foi interrompido, fazendo com que o IAA permitisse a construção de novas usinas em São Paulo. Já no início dos anos 1950, São Paulo tornou-se o maior produtor nacional

de açúcar e álcool, com a entrada de novos grupos empresariais, em sua maioria de famílias descendentes de imigrantes italianos. A partir do final dos anos 1980, a agroindústria canvieira passou por um processo de desregulamentação de suas atividades com: a liberação da produção e da comercialização interna e externa de açúcar; a extinção do IAA, em 1990; e a liberação do comércio de álcool combustível em 1998. A partir desse novo ambiente institucional, os grupos empresariais passaram a adotar novas estratégias de diversificação, de inovação tecnológica e de captação de recursos. Ocorreu ao mesmo tempo um processo de concentração e centralização de capitais, naquilo que os autores consideraram uma continuidade da organização produtiva da agroindústria canvieira, baseada na concentração da propriedade fundiária (RAMOS e SZMRECSÁYI, 2002).

Como historiador econômico, o Prof. Tamás sempre teve a preocupação em fundamentar seus estudos históricos com uma formação teórica consistente. Como bem observou: "Os fatos e os fenômenos apenas se tornam científicos quando e na medida em que são expressamente vinculados a determinadas teorias; sem essa conexão formal, não passam de simples matéria-prima para a construção de teorias." (SZMRECSÁNYI, 1992c:134). Desta forma, o objeto de estudo da ciência econômica não é "(...) aquele representado pelo passado ou pelo presente (...) mas pelos mecanismos de mudança que levam de um a outro e de ambos para o futuro" (Ibidem:133). É com essa perspectiva da importância da teoria econômica que, na área de história de empresas, privilegiou as contribuições de Edith Penrose, tanto sob o aspecto do fenômeno do crescimento da firma quanto da multinacionalização.

Em 2001, publicou uma revisão do livro *Teoria do Crescimento da Firma*, em que enfatizou a contribuição da autora na discussão da importância do progresso técnico no crescimento das empresas. Na sua própria definição de firma, como um conjunto de recursos produtivos passíveis de serem recombinados, a autora reconhece a influência de Schumpeter em seu trabalho e, portanto, das possibilidades de crescimento originadas a partir da recombinação de recursos, gerando novos serviços. A pesquisa científica e tecnológica tem aí um papel fundamental, na medida em que é capaz de ampliar as possibilidades de identificação de novas oportunidades produtivas, capazes de proporcionar o crescimento da firma. E pelo fato de a pesquisa envolver a mobilização

de consideráveis recursos financeiros, a autora reconhece que as empresas de grande porte possuem vantagens, em relação às de pequeno e médio porte, que não são apenas econômicas e financeiras, mas tecnológicas. Por isso, o conhecimento científico e tecnológico lhes confere maiores possibilidades de diversificação e/ou de integração vertical (SZMRECSÁNYI, 2001).

Em publicação nesta Revista, o Prof. Tamás fez uma importante revisão das contribuições de Penrose à historiografia das empresas multinacionais, a quem ele atribuía um papel pioneiro nessa área de estudos. A primeira grande contribuição diz respeito à *Teoria do Crescimento da Firma*, por meio do qual Penrose pôde analisar experiências de multinacionalização de empresas, que ocorreram em função da interação dos recursos produtivos da firma com as oportunidades de mercado identificadas em outros países. Aliada a esses fatores internos, Penrose reconhecia a interação de fatores externos à dinâmica de crescimento das empresas multinacionais, ao ressaltar quatro aspectos de caráter econômico-político que poderiam afetar a inserção das mesmas em outros países (SZMRECSÁNYI, 2008:16):

i) o dos preços estabelecidos para as transações intrafirmas (das subsidiárias entre si e destas com sua matriz), que configuram ao mesmo tempo transações internacionais e, portanto, incidem sobre os balanços de pagamentos e as estruturas fiscais dos países entre os quais elas ocorrem;

ii) o fato de as empresas multinacionais terem acesso a tecnologias mais avançadas e a economias de escala, que, geralmente, não estão disponíveis para as empresas locais dos países em que elas se instalam;

iii) a questão de as vantagens de que dispõem poderem ampliar-se por meio do reinvestimento de lucros não-repatriados;

iv) a questão das pressões daí resultantes, para que as empresas multinacionais, que ainda não o fizeram, passem a associar-se a grupos econômicos locais e tornem suas administrações abertas a pessoas nascidas nos países em que atuam.

Nessa revisão, ressalta a evolução do pensamento de Penrose no que tange à necessidade de uma teoria específica para explicar o fenômeno da multinacionalização. Até meados dos anos 1980, ela desconsiderava a necessidade de uma teoria especial para explicar os investimentos estrangeiros diretos, pois os mesmos eram tidos apenas como uma das

modalidades de expansão das grandes empresas. Já em seus trabalhos publicados nos anos 1990, passou a reconhecer as especificidades inerentes à transnacionalização das empresas, ao envolver aspectos relativos ao comércio internacional de mercadorias, de transferência de tecnologia e da regulamentação dessas atividades. Também reconheceu que a escala, a posição de mercado e a integração alcançada em nível internacional dão origem a ativos específicos para a firma multinacional. Além disso, percebeu a importância da cumulatividade do conhecimento inerente à identificação de oportunidades produtivas em nível internacional. Passou, então, a compreender a empresa multinacional como uma nova instituição econômica, surgida no contexto de globalização da economia, cuja história precisa ser interpretada teoricamente (SZMRECSÁNYI, 2008).

Não menos importante foi a tradução para o português do livro de Penrose *Teoria do Crescimento da Firma* (SZMRECSÁNYI, 2006). O Prof. Tamás o considerava, com razão, "(...) um dos estudos econômicos mais originais e sugestivos do século XX" (SZMRECSÁNYI, 2008:6). Daí o empenho e a responsabilidade de traduzir esta obra para a língua portuguesa, publicada em 2006 pela Editora da UNICAMP. Ao revelar-se como um dos maiores estudiosos da obra dessa autora no Brasil, ninguém melhor do que ele para assumir essa tarefa de considerável complexidade. Como ele mesmo afirmou:

A leitura desse livro é agradável, mas também difícil, devendo ser feita com lápis ou caneta à mão, devido à riqueza e ao grau de elaboração das idéias, conceitos e propostas que o trabalho apresenta. Conceitos, idéias e propostas que são, ao mesmo tempo, originais e profundos, além de formalmente sugestivos e matematicamente esquematizáveis. (SZMRECSÁNYI, 2001:169)

Como Ortega y Gasset¹ (*apud* LAGES, 2002:66) observam a respeito do trabalho de tradução, "No domínio intelectual não há atividade mais humilde. No entanto, resulta ser exorbitante".

Em todas as suas atividades, como Presidente da ABPHE, editor e autor de trabalhos científicos, fica registrado o empenho de um pesqui-

¹ ORTEGAY GASSET, José, "Misericórdia y Esplendor de la Traducción", in _____, *Obras Completas*, 2. Ed. Madri, Revista de Occidente, 1951:431-452.

sador e professor voltado para a difusão e o incentivo da pesquisa em história econômica em nosso país. Uma característica que se revela, não apenas na área de história de empresas, mas em todos os seus trabalhos publicados, é a preocupação com a pesquisa em fontes primárias, a fundamentação teórica e a proposição de hipóteses novas e muitas vezes provocadoras. Suas publicações revelam também a preocupação em sugerir novas linhas de pesquisa, ao apresentar elementos históricos ainda inexplorados na breve historiografia de empresas no Brasil - características essas que fizeram dele uma liderança reconhecida no campo da história econômica e um autor de referência na área de história de empresas.

Referências bibliográficas

- DALLA COSTA, Armando; FERNANDES, Adriana S.; SZMRECSÁNYI, Tamás J. M. K. (orgs.), *Empresas, empresários e desenvolvimento econômico no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 2008.
- LAGES, Suzana K. *Walter Benjamin: Tradução & Melancolia*. São Paulo: Edusp, 2002.
- RAMOS, Pedro e SZMRECSÁNYI, Tamás J. M. K. "Evolução histórica dos grupos empresariais da agroindústria canavieira paulista". *História Econômica & História de Empresas*, 2002, 5(1):85-115.
- SAES, Flávio A. M. e SZMRECSÁNTI, Tamás J. M. K. "O capital estrangeiro no Brasil 1880-1930". *Estudos Econômicos*, 15(2) maio-agosto, 1985:191-219.
- SUZIGAN, Wilson e SZMRECSÁNYI, Tamás J. M. K., "Investimentos estrangeiros no início da industrialização no Brasil", in SILVA, Sergio S.; SZMRECSÁNYI, Tamás J. M. K. (orgs.), *História Econômica da Primeira República*. São Paulo: HUCITEC, 1996:261-289.
- SZMRECSÁNYI, Tamás J. M. K. "Contribuições de Edith Penrose (1914-1996) à historiografia das empresas multinacionais". *História Econômica & História de Empresas*, 11 (1) 2008:5-27.
- _____. Tradução do livro: *The Theory of the Growth of the Firm - Teoria do Crescimento da Firma*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.
- _____. "Contribuição de Edith Penrose às teorias do progresso técnico na concorrência oligopolista". *Revista de Economia Política*, 21(1) 2001:167-172.
- _____. "A French free-standing company in Brazils sugar industry: a case study of the Societé de Sucrieries Brésiliennes, 1907-1922", in WILKINS, Mira; SCHROTER, Harm. (orgs.), *The Free-Standing Company in the World Economy, 1830-1996*. Inglaterra: Oxford University Press, 1998:279-290.
- _____. "The role of foreign banks in the early industrialization of Sao Paulo, 1880-1930", in *XI International Congresso f Economic History (Proceedings)*, Milão. 1994:141-153.

- SZMRECSÁNYI, Tamás J. M. K. "German capital investments in the early industrialization of São Paulo". *Ciência e Cultura*, 44(5) 1992a:320-325.
- _____. "Agrarian bourgeoisie, regional government and the origins of São Paulo's modern sugar industry, 1870-1930", *Cadernos do IG*, UNICAMP, 2(1) 1992b:125-135.
- _____. "História Econômica, Teoria Econômica e Economia Aplicada", *Revista de Economia Política*, 12(3) 1992c:130-136.
- _____. "Aeradostrustes e dos cartéis". *Historia & Energia*, n° 1, 1986a:6-20.
- _____. "Apontamentos para uma história financeira do grupo Light no Brasil, 1899/1939". *Revista de Economia Política*, 6(1) janeiro-abril, 1986b:132-135.
- _____. *O Planejamento na Agroindústria Canavieira no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1979.
- _____. e MARANHÃO, Ricardo F. A. (orgs.). *História de Empresas e Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: HUCITEC/Fapesp/ABPHE, 1996.
- _____ e SAES, Flávio A. M. "Energia elétrica e capital estrangeiro: o caso da São Paulo Light, 1899-1904". *Resgate*, n° 4, 1992:9-17.
- _____ e TOPIK, Steven. "Business history in Latin América". *Enterprise & Society*, 5(2), 2004:179-186.